

cultura: imagens e representações

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 8 . 2008

por exemplo, o estudo de Paulo Granjo, “Trabalhamos sobre um barril de pólvora”<sup>2</sup>, na perspectiva da antropologia em ambiente industrial, com base na observação da vivência dos perigos industriais pelos trabalhadores da refinaria de Sines, ou a análise histórica com que Maria de Lurdes Lima revisita o terramoto de Lisboa (1755) estabelecendo paralelismos psico-sociais para dar conta daquilo a que chama a adaptação cognitiva e os modelos da amplificação social do risco<sup>3</sup>.

Um dos traços distintivos do livro “Os portugueses e os novos riscos”, assenta na abordagem que enquadra os diferentes actores sociais (jornalistas, cientistas, políticos, leigos) as problemáticas, as instituições e as dinâmicas que se articulam em cada um dos casos analisados, na base de uma diligência interdisciplinar que valoriza a participação activa de todos os intervenientes, conferindo as regras gerais do civismo democrático, do desenvolvimento sustentável e de uma interpretação razoável do princípio da precaução.

Trata-se de uma produção literária e científica que sistematiza os nós intrincados das relações e dos enfrentamentos, atenta às flutuações das concepções de conveniência; aos princípios emblemáticos (certeza/incerteza); às divergências que ocorrem entre cientistas; às implicações políticas e partidárias das formulações e posições sustentadas, questionando frequentemente a objectividade e a neutralidade reclamadas quer por cientistas, quer pelos jornalistas, apontando a fragilidade das fronteiras tradicionais que, entre a investigação laboratorial

e produção de pareceres científicos, alegadamente separam o saber científico do saber comum.

A análise das polémicas em apreço recorda-nos que a relação entre desenvolvimento técnico e progresso social não é automática.

A construção sinuosa do “interesse geral” é tanto mais consistente quanto o debate público, a participação activa e crítica de todos os interessados e as coberturas mediáticas se orientam por princípios de boa-fé, do bom senso, do diálogo e da argumentação consistente e informada.

O estudo das polémicas científicas (ou com forte componente científica) revela que o confronto argumentativo tende para a amplificação, alargando o âmbito dos tópicos inicialmente fixados, arrastando para a discussão mais temas, mais questões e mais actores.

Nesse sentido, também nós, ao ler (ou reler) as descrições e análises controversas trabalhadas neste volume, não deixamos de nos sentir, de certo modo, interpelados.

Manuel Correia

---

Romero Bandeira, *Medicina de Catástrofe – da exemplificação histórica à iatroética*, Porto. Editora da Universidade do Porto, 2008, 319 p.

A obra de Romero Bandeira, *Medicina de Catástrofe – da exemplificação histórica à iatroética*, foi lançada no dia 27 de Maio de 2008, no Salão Nobre do Hospital Militar Regional, e apresentada pelo Prof. Nuno Grande. Tanto o autor como o apresentador da obra dispensam elogios pois a actividade profissional e científica realizadas por ambos ultrapassam os muros da instituição universitária em que foram e são pro-

---

<sup>2</sup> GRANJO, Paulo. – *Trabalhamos sobre um barril de pólvora – homens e perigos na refinaria de Sines*, Lisboa, ICS, 2004.

<sup>3</sup> LIMA, M. L. – “Tragédia, risco e controlo: uma releitura psico-social dos testemunhos do terramoto de 1755”. In: *Análise Social*, vol. XLIII (1º), 2008, p. 7-28.

fessores: o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS). Romero Bandeira ensina História da Medicina e é o Coordenador do Mestrado em Medicina de Catástrofe do ICBAS.

A obra *Medicina de Catástrofe – da exemplificação histórica à iatroética* resulta da adaptação para livro da tese de doutoramento do autor (doutoramento em Higiene e Medicina Social, sob orientação dos Profs. Doutores Custódio Cabeça, do ICBAS, e Francisco Guerra, da Universidade de Alcalá de Henares). E em boa hora foi lançada. Trata-se de um trabalho que como pesquisa académica em Portugal é absolutamente original e inovador e que mostra muito claramente a importância da história, neste caso da história da medicina, como fonte subsidiária para a resolução de problemas práticos da actualidade e como contributo essencial para as mais acertadas tomadas de decisão.

A obra encontra-se dividida em três grandes capítulos: situações de catástrofe; influência das catástrofes na sociedade; gestão das situações de catástrofe. É justamente no capítulo 1, denominado “situações de catástrofe” que o autor mais percorre a história e a história da medicina, expondo e fazendo uma interpretação de situações de catástrofe de epidemias, de fome, de guerra, de incêndios, de inundações, de naufrágios, de terremotos, de acidentes catastróficos de efeitos limitados, reportando-se no final à designada iatroética, numa parte intitulada “a iatroética confrontada com a urgência colectiva”. O leitor percorrerá as páginas da obra fazendo um percurso histórico por catástrofes marcantes, e de que há documentação, da história da Humanidade. Por exemplo, quando fala de guerras aborda alguns casos paradigmáticos como a Guerra napoleónica; a Guerra da Crimeia, de Itália e da Secessão; da 1ª Guerra Mundial; da Guerra Civil de Espanha; e, finalmente, da Guerra Nuclear. Quando aborda as epide-

mias fala da lepra, da febre amarela, das pestilências e da SIDA. Isto tudo porque o “laboratório”, se quisermos utilizar a expressão, da medicina de catástrofe é a história, seja ela mais antiga ou mais recente. As catástrofes não se podem simular em laboratório. Não é possível fazer desenvolver uma epidemia numa população para se testarem os cuidados de medicina de catástrofe; não é possível criar uma guerra com vista a estudar ou ensaiar mecanismos ou técnicas de medicina de catástrofe; do mesmo modo não vamos fazer cair um avião repleto de passageiros para estudar a catástrofe aérea. Por isso é que podemos dizer que o laboratório da medicina de catástrofe é a história. De resto esta é a primeira grande conclusão referida na obra: “as catástrofes não se podem ensaiar. Logo, é primordial a investigação retrospectiva Histórico-Médica associada à Medicina Preditiva”. E é justamente isto que Romero Bandeira explica na sua obra, analisando casos paradigmáticos da história e propondo um conjunto de práticas adequadas hoje a cada momento em situações de catástrofe como, por exemplo, uma adequada formação e exercícios. Aborda ainda a organização dos socorros e a acção modular de intervenção médica, o impacto comunitário e o perfil psicológico do interventor. É importante sabermos, também que Pedro Victorino, em 1910, foi pioneiro em Portugal em medicina de catástrofe, pois publicou a sua dissertação intitulada “Socorros de Urgência”. Para além de muitas outras conclusões a que o autor chegou e para as quais remetemos o leitor, deve sublinhar-se a importância que a ética, iatroética, tem na Urgência Individual e na Medicina de Catástrofe que, como refere “não pode ser encarada exactamente como no plano dos procedimentos correntes em Ética Clínica.”.

Defendemos a tese de que a ética e a deontologia profissional, de qualquer profissão, tem muito a ver com o percurso histórico que a profissão tomou e que as práticas profissionais também tomaram. O tempo é,

neste caso, importante para o amadurecimento das práticas profissionais, para obrigar cada profissional a pensar sobre o que faz, para não fazer repetindo mecanicamente as técnicas. Por isso a aliança entre a ética e a história e a deontologia é, a nosso ver, de primordial importância. A ética e a deontologia devem obrigar-nos a pensar sobre o problema que temos pela frente para resolver, responsabiliza-nos; devem funcionar como elementos imprescindíveis para as mais correctas tomadas de decisão, tornando mais ágeis os processos porque, justamente, somos obrigados a pensar sobre eles e também porque não desconhecemos o que a história nos ensina a este propósito. As últimas cinco dezenas de páginas são de apêndices e bibliografia que proporcionam ao leitor um conjunto de valiosas fontes.

Não é pelo facto de Romero Bandeira ser Investigador do CEIS20 que recomendamos a obra. Trata-se de um trabalho redigido por alguém que conhece no terreno os problemas de catástrofe. Além de professor de medicina, Romero Bandeira é médico especialista em Medicina Geral e Familiar o que lhe permitiu contactar com realidades bem complexas; é Presidente do Conselho Científico e Pedagógico da Escola Nacional de Bombeiros e durante largos anos foi Comandante dos Bombeiros de S. Pedro da Cova, Porto. E esta realidade sobressai da sua obra: a de que foi escrita e as fontes analisadas por alguém que, se por um lado ganhou distância suficiente dos documentos, por outro lado, possibilitou uma análise e uma interpretação das fontes com um conhecimento rigoroso das matérias investigadas.

João Rui Pita  
Professor da Faculdade de Farmácia  
Investigador do CEIS20  
Universidade de Coimbra

### A propósito da 3ª edição da *História da farmácia* de João Rui Pita

Em *O Primeiro de Janeiro* de 21 de Maio de 2007, um dos meus livros, *História da Farmácia*, foi objecto de uma recensão divulgativa a propósito da sua 3ª edição (Coimbra, MinervaCoimbra, 2007; lançamento a 10 de Maio de 2007). Agradeço a iniciativa do colega e amigo Carlos Fiolhais, Professor de Física na Universidade de Coimbra e admiro a sua curiosidade sem fronteiras, a sua vontade inteligente de aprender sempre mais para conquistar o grande público para a causa da ciência.

Não me surpreendeu o tom divertido que tão habilmente tem usado para atingir tão nobre finalidade, justamente a finalidade de inculcar a cultura científica nas mentes de todos nós, mais jovens ou menos jovens. Para mim este é precisamente um dos combates pelos quais vale a pena trabalhar alegremente, como é exemplo esta minha *História da Farmácia*.

No entanto, a história tem os seus caminhos, lança at armadilhas onde muitas vezes acabam por cair mesmo aqueles que receberam treino arquivístico de vários anos e formação historiográfica, historiológica e epistemológica. Esta formação não se ganha do pé para a mão nem nos cai em cima como uma certa maçã...

Na recensão à minha *História da Farmácia*, Carlos Fiolhais correu depressa demais. Gostaria aqui de abordar dois ou três tópicos que mais nos chamaram a atenção na sua recensão porque podem, na verdade, ilustrar um modelo de leitor ou até mesmo ilustrar o modo como o grande público pode encarar a história da ciência.

Assim, parte significativa da recensão é dedicada à publicidade farmacêutica que ilustra a *História da Farmácia* nos seus dois capítulos finais. A publicidade farmacêutica aí inserida, caracteriza, por um lado, a medicação da época e, por outro